

A negatividade do positivo como crítica da besteira a partir de Deleuze.

Gabriel Prado Rodrigues

Doutorando em Filosofia na UERJ

<http://lattes.cnpq.br/6298565604826227>

gabrielpradow@gmail.com

145

Publicado em 2016, por Andrew Culp, *Dark Deleuze* defende uma interpretação da obra do filósofo francês Gilles Deleuze baseada no resgate de uma “força destrutiva de negatividade” (Culp, 2016, p. 1), que, segundo o autor, permeia a filosofia deleuziana. *Prima facie*, *Dark Deleuze* se destaca por sua originalidade, dado que se funda sobre a crítica da caracterização mais comum de Deleuze como filósofo da afirmação. Mais especificamente, o conceito de negatividade aparece no livro a título de ruptura com certa “positividade”, que, reivindicada por grande parte da recepção de Deleuze, revela-se simples conservação de velhas estruturas filosóficas. Por exemplo, conceitos deleuzianos são por vezes reduzidos aos componentes de uma “ontologia realista” positiva (Culp, 2016, p. 2.) ou, pior ainda, a um dialeto acadêmico repetitivo utilizado por intelectuais parados no tempo. Culp aponta também a estranheza da reivindicação deleuziana de positividade no contexto de um capitalismo tardio ele mesmo afirmativo, cheio de “convites para se ser construtivo” (Culp, 2016, p. 8).

O intuito desta comunicação é sobretudo desenvolver e defender a tese que Culp concebe ainda de forma introdutória: a despeito da qualificação de Deleuze como filósofo da afirmação e de sua aversão ao conceito de negatividade, a negação não deixa de funcionar, no interior de seu corpo conceitual, como procedimento crítico anterior a todo esforço criativo. A ruptura da negatividade é necessária para a produção de algo novo, o que é relevante dada a definição deleuziana de filosofia como “criação de conceitos” (Deleuze, 2006, p. 17). Para Deleuze, o que inspira a filosofia não é a verdade, mas “categorias como as do Interessante e do Notável” (Deleuze; Guattari, 2013, p. 108), isto é, o que distingue o novo, e que, portanto, vale a pena ser pensado, daquilo que é trivial.

Destarte, “o problema do pensamento não está ligado à essência, mas à avaliação do que tem importância e do que não tem” (Deleuze, 2006, p. 269), de tal maneira que

não é na falsidade que a filosofia encontra seu limite, mas na simplicidade ingênua da “besteira” [*bêtise*], tipificada por “suas perpétuas confusões entre o importante e o desimportante, o ordinário e o singular” (Deleuze, 2006, p. 269).

Tudo isso posto, devemos demonstrar de que modo, no interior da filosofia deleuziana, o conceito ontológico de afirmação se relaciona com a “negatividade do positivo” (Deleuze, 2018, p. 228), enquanto condição crítica e pragmática da criação. Explanaremos também a equivalência entre certo sentido ingênuo de positividade, própria do *ethos* contemporâneo, na esteira de *Dark Deleuze*, e aquilo que Deleuze denomina besteira. Por fim, é preciso explicar de que modo a negatividade serve como antídoto metodológico à besteira, compreendida no sentido apresentado.

Palavras-chave: Deleuze. Negatividade. Afirmação. Criação. Negatividade do positivo.

Bibliografia

CULP, Andrew. *Dark Deleuze*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é filosofia?*. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.